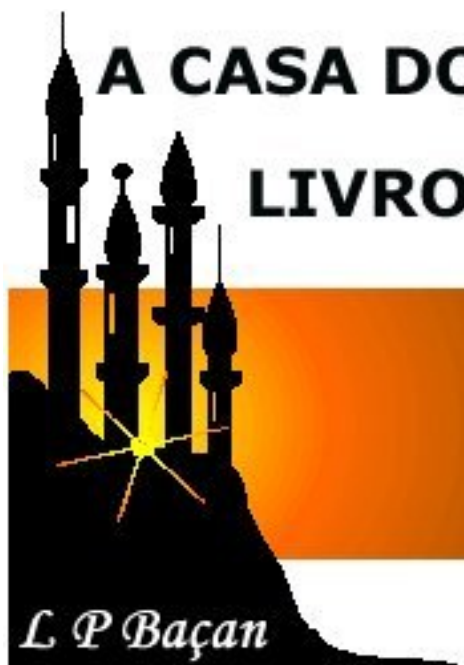


A CASA DO MAGO DAS LETRAS

LIVROS ELETRÔNICOS



www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.



RESUMO

Quando se tem vinte anos, sexo é um explosivo de pavio curto. À mínima faísca, incendeia-se e se queima, em questão de segundos. Aos quarenta é algo mais sutil, demorado e delicioso, que se arranca de dentro de si próprio com experiência e tenacidade. Aos vinte, há o arrojo, a impetuosidade, aos quarenta, há a experiência e o conhecimento, mas falta o arrojo e a coragem.

Arnaldo Roberto pensava nisso, quando deixava o prédio do tribunal, após divorciar-se. Havia impaciência dentro dele, um desejo arrojado de extravasar a ânsia de liberdade acumulada durante dez anos de um casamento fracassado. Mudara de casa tão logo decidira-se pelo divórcio. Fora algo que adiara dia após dia. Uma decisão que custara muito para ser tomada. Não queria recordar aquele tempo. Desejava apenas sair dali o mais depressa possível e se afastar. Esquecer tudo e começar uma nova vida. E como começar uma nova vida? Os primeiros fios grisalhos já pontilhavam sua cabeça. Por onde recomeçar? Teria que conservar o mesmo emprego, não poderia mudar. Teria que continuar olhando para as mesmas caras de sempre, dia após dia, mês após mês, como antes. Eles o olhariam com pena. Estava livre da esposa, mas todos os meses o resultado de seu trabalho teria que ser dividido com ela. Sobraria o bastante para a sua subsistência, é claro. Mas e quanto ao resto?

Havia aquelas deliciosas garotas que Arnaldo via pelas calçadas, tornando mais quentes os dias de verão. Como se aproximar delas? Como recuar alguns anos ao passado e recuperar a coragem para atacar? Foi então que resolveu experimentar um amor por encomenda e acabou nos braços de Sabrina.

I – LIVRE PARA AMAR

Arnaldo Roberto, depois de um longo casamento, havia acabado de se divorciar. Sentindo-se vivo e livre, pela primeira vez, depois de muitos anos, não sabia o que fazer de sua liberdade. Tentou o caminho mais fácil, então: comprar uma paixão.

Quando se tem vinte anos, sexo é um explosivo de pavio curto. À mínima faísca,

incendeia-se e queima-se, em questão de segundos. Aos quarenta, é algo mais sutil, demorado e delicioso, que se arranca de dentro de si próprio com experiência e tenacidade. Aos vinte, há o arrojo, a impetuosidade. Aos quarenta, há a experiência e o conhecimento, mas falta o arrojo e a coragem. Arnaldo Roberto pensava nisso, enquanto deixava o prédio do tribunal, após divorciar-se. Havia impaciência dentro dele, um desejo arrojado de extravasar a ânsia de liberdade acumulada durante dez anos de um casamento fracassado. Não tinha filhos. A não ser pela pensão mensal, a ser arrancada de seus rendimentos, nada conservaria que pudesse trazer-lhe a lembrança daqueles anos amargos.

Mudara de casa tão logo se decidira pelo divórcio. Fora algo que adiara dia após dia. Uma decisão que custara muito para ser tomada. Não queria recordar aquele tempo. Desejava apenas sair dali o mais depressa possível e se afastar. Esquecer tudo e começar uma nova vida. E como começar uma nova vida? Por onde? Teria que conservar o mesmo emprego, não poderia mudar. Teria que continuar olhando para as mesmas caras de sempre, dia após dia, mês após mês, como o fazia antes do divórcio. Os colegas o olhariam com pena. Estava livre da esposa, mas todos os meses o resultado de seu trabalho teria que ser dividido com ela. Sobraria o bastante para a sua subsistência, é claro. Mas, e quanto ao resto?

Havia aquelas deliciosas garotas que Arnaldo via pelas calçadas, tornando mais quentes os dias de verão. Como se aproximar delas? Como recuar alguns anos ao passado e recuperar a coragem para atacar? Uma coisa de positivo lhe sobrara após o casamento. Tinha experiência. Cada uma daquelas garotas não sabia o que estava perdendo. Arnaldo acumulara conhecimentos sobre sexo que o tornavam um amante refinado, capaz de agradar à mais fria das mulheres. Sim, tinha isso e um pouco de dinheiro. Não muito. Não para grandes extravagâncias. Garotas gostavam de presentes, passeios, jantares. Como conciliar a sede desvairada dentro dele com as limitações que a nova vida lhe impunha?

Era uma tarde de sexta-feira. Arnaldo conseguira uma licença em seu escritório para tratar do divórcio. Consultou o relógio, enquanto dirigia seu carro. Já passava das seis. Seria inútil voltar ao trabalho. Teria que ir para o apartamento e pensar no que seria de sua vida, dali em diante. Ao cruzar uma esquina, viu uma garota parada ao lado de um carro. Ela parecia estar com algum problema, pois acenou. As pernas de Arnaldo tremeram. Ele ficou indeciso e não parou, senão alguns metros adiante. Olhou pelo retrovisor. Era uma bela garota. Provavelmente do tipo que aceitaria iniciar alguma coisa. Ou não? O que ele sabia sobre garotas como aquela? Nada. Resolveu voltar e ajudá-la. Olhou pelo retrovisor mais uma vez e sentiu vontade de esbofetear-se. Um outro carro havia parado e o seu motorista já estava ao lado da garota, falando com ela. A jovem parecia muito amigável. Arnaldo suspirou e pôs o carro em movimento.

* * *

Desembrulhou os sanduíches que mandara fazer numa lanchonete e colocou-os na mesa, ao lado da poltrona, em frente ao televisor. Apanhou uma garrafa de uísque, um copo e

foi se sentar. Ligou o controle remoto do aparelho, sintonizando um canal. Era um programa dedicado às mulheres. Alguns modelos de vestidos estavam sendo apresentados. Não lhe importaram os detalhes das roupas, descritos pela apresentadora. Seus olhos pousavam nos rostos exóticos das manequins, admirando-os, adorando-os.

Riu de si mesmo, tomando um gole e mastigando um sanduíche. Ultimamente só pensava em sexo. Sexo era tudo para ele. Não podia ver uma garota provocante nas ruas sem imaginar-se com ela, numa cena de amor. Constrangia as secretárias que trabalhavam em seu setor, no escritório, fitando com insistência suas pernas sob as mesas. Tentara até um flerte com uma ascensorista. Chegara a fazer um convite indefinido à balconista da lanchonete.

Mas não conseguia ir mais longe. Faltava-lhe impetuosidade, coragem para enfrentar os riscos. A balconista da lanchonete, por exemplo, o fitava e sorria significativamente. Arnaldo, sempre que a via, sentia que ela o incentivava, mas não conseguia iniciar uma conversa mais íntima. Temia ser recusado e se sentia ridículo fazendo aquilo, apesar de desejar isso ardentemente. A balconista não teria mais do que vinte e cinco anos. Arnaldo, em seus quarenta, julgava-se velho demais para ela. Era uma contradição que o confundia e enervava. Não apreciava mulheres maduras. Elas lembravam sua esposa e esta ele queria esquecer o mais depressa possível. Mulher para ele teria de ser jovem, atraente, sexy.

Aquele programa terminou, entrando um noticiário. A apresentadora do noticiário era lindíssima. Arnaldo a desejou com todas as suas forças, admirou-a, olhando-a. A voz dela era segura e de uma tonalidade melodiosa que soava feito música em seus ouvidos.

Ele se julgou um tolo. Já tinha comido os sanduíches. Tomou mais um gole e levantou-se, indo até a janela. As luzes da cidade perdiam-se ao longe. Havia vida lá fora. E Arnaldo sentia-se um morto-vivo. Tinha tudo nas mãos. Poderia sair, apanhar seu carro e rodar pela cidade. Haveria milhares de garotas bonitas e excitantes à espera de companhia nos bares, restaurantes e boates da cidade. Teria apenas que escolher uma delas. Mas o que diria? Como agiria? Temia parecer ridículo e inexperiente naqueles assuntos. Se ao menos encontrasse uma garota que fosse direto ao ponto...

Esse pensamento ecoou como badaladas de um grande sino em sua cabeça. Talvez estivesse naquilo a solução para seus problemas iniciais. Um colega do escritório falara-lhe, certa vez, a respeito das garotas de programa, garotas que se podia escolher e chamar pelo telefone, sempre dispostas a fazer companhia e agradar um homem solitário. Sim, poderia ser essa a solução. A garota viria e, quando estivessem frente a frente, Arnaldo e ela saberiam que só havia um motivo para estarem juntos, naquele momento. Tudo seria mais fácil. A garota saberia, Arnaldo não teria que convencê-la de nada, convidá-la a nada. Estariam juntos e as coisas aconteceriam.

Seria um bom começo. Através de garotas assim poderia se familiarizar com os processos de conquista. Depois iria e frente sozinho, atacando como um bom lobo solitário,

escolhendo suas presas, seus próprios momentos, convencendo-as e fazendo-as adorar cada minuto com ele. Sim, havia isso também. Seu orgulho masculino andara muito abalado desde que se separara da esposa e mesmo quando viviam juntos. Arnaldo era um homem e, como todos, trazia dentro de si aquele orgulho de macho, que se afirma na satisfação que proporciona às mulheres com quem partilha seu leito. De que lhe valeria pensar que sabia tudo a respeito de sexo se não conseguisse dar a satisfação plena a uma garota? Nada.

Arnaldo sabia que podia levar qualquer uma delas à loucura. Aprendera sutilezas, seu corpo se condicionara a certas habilidades, ele podia reprimir seus instintos indefinidamente, arrancando de sua companheira o máximo do prazer. Vê-la derreter-se sob ele, senti-la desfalecer de prazer, desfazer-se em suspiros e gemidos fazia-o sentir-se orgulhoso de si próprio, além de proporcionar-lhe um prazer indescritível quando chegava o seu momento.

Sim, Arnaldo se julgava hábil nesse assunto. Tinha tudo nas mãos. Faltava-lhe apenas um começo, algo com que firmar e confirmar a sua liberdade, dando um novo rumo em sua vida.

Apanhou o telefone.

— Jonas, espero que não esteja interrompendo nada — disse ele, assim que atenderam do outro lado.

— Arnaldo? Como foi no tribunal? — perguntou Jonas.

— Tudo acertado. Estou livre dela...

— Parabéns. Tenho certeza de que fez o melhor. Mas... Há algum problema? Precisa de alguma coisa?

— Bem, Jonas... Lembra-se do que me falou naquele dia? Sobre as garotas de programa, aquelas que atendem pelo telefone...

— Ah! — Jonas riu baixinho. — Claro, mas não podemos discutir o assunto com detalhes. Minha esposa está na cozinha, mas deve voltar logo para a sala. O que você quer saber?

— Tem o telefone de alguma delas?

Jonas baixou o tom de voz para responder.

— Não é bem assim... Você terá de telefonar para uma espécie de central. Faz a sua escolha e a central providencia a garota.

— Dê-me o número — pediu Arnaldo.

— Anote... — replicou Jonas, fornecendo-lhe o número de um telefone. — Ah, não se esqueça de me contar as novidades depois. Afinal, você é o mais novo sócio do clube dos lobos infiéis.

Foi a vez de Arnaldo rir baixinho.

— Ora, não estou sendo infiel a ninguém...

— A maioria dos sócios é de casados — explicou Jonas, com um tom de voz malicioso. — Você é a ovelha negra... Está bem, quando quiser, amigo, irei ajudá-lo na compra de um novo barco. Falaremos depois — disse Jonas, mudando de tom.

Arnaldo franziu a testa e riu, compreendendo porque Jonas mudara de assunto bruscamente. Por certo sua esposa havia voltado à sala. Sorridente, Arnaldo murmurou um agradecimento e desligou. Deixou o papel; ao lado do telefone e foi tomar um outro gole. Depois foi à janela, olhar a cidade. Em alguma parte havia uma garota sozinha, à espera de ser chamada para uma noite de amor. Bastaria discar aquele número e fazer um pedido, assim como se faz num hotel, quando se deseja alguma coisa. Tudo muito rápido, discreto e eficiente.

Sentou-se diante do televisor, mas não olhou para a tela. Seus olhos se voltaram para o telefone. O papel estava lá, o número também. Bastaria discar. Sentiu-se cansado. Era uma sexta-feira. Tivera uma semana puxada, além de uma tarde infernal na sala do juiz, olhando para a cara deslavada, cínica e fechada de sua esposa. Achou que seria melhor descansar aquela noite e começar tudo no dia seguinte. Seria um sábado. Nada melhor que um sábado para se iniciar alguma coisa divertida. Mas havia vida lá fora. Na sexta-feira as pessoas começavam a viver seu fim-de-semana. Por que adiar? Teria que começar mesmo, mais dia ou menos dia. Por que não naquela noite.

Levantou-se e apanhou o telefone. Leu o número até decorá-lo. Tremia. Teclou os números lentamente, como se cada um deles fosse uma vitória interior, com a vontade de prosseguir em frente vencendo a indecisão.

— Vanessa falando — disse uma voz do outro lado.

Arnaldo engoliu em seco. Temeu não conseguir dizer nada. Sentiu que sua voz sairia trêmula. Respirou fundo. Estava bancando o idiota. Afinal de contas, era um homem maduro, ciente de seus desejos. Que fosse a primeira vez que faria aquilo! Tinha de parecer natural e não ser confundido com um otário qualquer. Pigarreou ligeiramente, antes de responder,

pensando rápido nas palavras adequadas.

— Preciso de companhia para esta noite e me recomendaram esse número, Vanessa...

Houve um breve silêncio do outro lado. Arnaldo imaginou que a mulher estivesse analisando sua voz, tentando descobrir com quem falava.

— Quem o recomendou? Não é por nada, mas é política da casa fazer um rápido cadastro com nossos clientes...

— Cadastro? — retrucou ele, quase se engasgando.

— Sim, nada que vá compromete-lo. Quem lhe deu o número?

— Um amigo meu, Jonas.

— Esta bem. Dê-me algumas informações sobre você — pediu ela. — Preciso ter seu perfil e definir seus gostos.

Arnaldo respondeu as perguntas já mais calmo. A última delas, no entanto, deixou-o confuso. Qual era o seu tipo preferido de mulher? Indecisão. Qual era realmente seu tipo? Ainda nem havia pensado nisso. Naquela noite qualquer garota poderia fazer sua felicidade, não importava como ela fosse. Mas era-lhe dado o privilégio da escolha. Pensou em algum tipo físico que o atraía. Sim, havia Sabrina, a loura e distante Sabrina, da seção de arquivos. Era um tipo excitante e atraente.

— Loura, cabelos compridos e soltos, olhos verdes, e magra.

— Onde quer que ela se encontre com você?

Sim, havia esse detalhe também. Arnaldo não podia simplesmente dar o endereço de seu apartamento. Seria comprometedor, poderia trazer-lhe alguma encrenca no futuro. Mas onde encontrá-la? Nunca marcara um encontro daquele tipo.

— Em frente ao Cine Clarim. Meu carro é um Gol, branco...

— Está bem, amigo. A garota não vai lhe falar em dinheiro. Seja discreto e pague-a antes de qualquer relacionamento. Deixe duas notas de cem na bolsa dela — finalizou a voz, desligando.

Arnaldo repôs o fone no gancho, sentindo-se aliviado. Estava feito. Iniciara o processo.

Dali em diante seria fácil. Bastaria esperar pela garota e... Duas notas de cem! Fez mentalmente os cálculos. Duzentos reais significavam muita coisa para ele, naquela altura dos acontecimentos. Tivera despesas com o divórcio... Mas o que importava? Pela primeira vez em dez anos, Arnaldo estava se preocupando consigo mesmo. Era algo que ele desejava e precisava fazer. Que importavam os gastos? Faria economia em outros detalhes. Aquela era uma noite especial, uma noite de celebração. O preço era justo. Valeria a pena.

Examinou-se. Estava horrível. Aquela tarde no tribunal o havia arrasado. Foi para o quarto, despiu-se e passou para o banheiro. Barbeou-se cuidadosamente, depois tomou um banho rápido. Não podia deixar a garota esperando. Foi até seu guarda-roupa e parou, indeciso, diante de suas roupas. Como se vestir numa ocasião como aquela? Formalmente? Esportivamente? Olhou-se mais de perto no espelho da porta. Havia fios grisalhos em suas têmporas. Sabia de mulheres que apreciavam aquilo. Grisalho e esportivo. Seria uma boa combinação.

Vestiu-se bem, caprichando nos detalhes. Precisava estar impecável naquela noite. Penteou-se com esmero, poliu os sapatos, apanhou sua carteira e as chaves do carro. Deixou o quarto assobiando uma velha música. Havia excitação em seu semblante e uma febre mal disfarçada em seus gestos. Estava nervoso e tentava aparentar naturalidade. Tomou o elevador direto para a garagem, no subsolo. Entrou em seu carro e saiu, na direção do Cine Clarim.

Enquanto dirigia, tentava imaginar qual seria o rosto de mulher que o esperava para aquela noite. Se fosse como o de Sabrina, seria uma boa noite. Sabrina! Ultimamente andava pensando nela com muita insistência. Ela era um tipo que prendia a atenção realmente, mas não se viam com frequência. Duas ou três vezes por semana apenas, quando necessitava consultar alguma coisa dos arquivos, lá vinha ela, com seu modo provocante de caminhar, os cabelos soltos esvoaçando. Deveriam ser finos aqueles cabelos. Finos e sedosos, com um perfume inesquecível. Sabrina chegava, depositava uma pasta sobre a mesa e se afastava sem dizer uma palavra. Apenas sorria levemente quando entrava. Nada mais.

Mas sua rápida presença marcava. Sua passagem provocava um voltar de cabeças e assobios dissimulados. Seu corpo era desejável, escultural. Não sabia ainda por que ela continuava na seção de arquivos. Muitas garotas subiam rápido naquela firma, desde que se mostrassem acessíveis aos chefes. Sabrina talvez não fosse desse tipo. Era uma pena! Tinha muito a oferecer.

Chegou ao Cine Clarim. Procurou uma vaga e estacionou o carro. Olhou ao seu redor. Ligou o rádio e acendeu um cigarro. Olhou na direção dos cartazes do cinema. Estava mesmo nervoso.

Conseguirá Arnaldo levar adiante seu plano de libertar-se definitivamente das lembranças do passado? Não corre o risco de tornar-se prisioneiro de seus próprios desejos? E como será a misteriosa mulher que vai se encontrar com ele?

II – ENCONTRO COM A PAIXÃO

Arnaldo Roberto conhece Celina, uma garota de programa. Começam a noite com um jantar, mas aquele encontro não o agrada. A maquiagem pesada e os modos da garota acabam decepcionando-o. No entanto, tudo começa a acontecer...

Já estava ali havia cerca de meia hora. Não sabia ainda se ficava satisfeito com isso ou se deveria ficar aborrecido. Sentia-se neutro, como que pondo sua vida futura nas mãos do destino. Estava disposto a aceitar o que viesse. Várias garotas haviam passado por ali. Morenas, loiras, ruivas, todas elas pareciam não se importar com seu carro nem com ele. Como seria de se esperar, foi um rude golpe em seu amor-próprio. Olhou-se no espelho retrovisor. Não era, assim, tão feio. Tinha um rosto simpático, quando ria. Mas, concluiu ele, não era positivamente o tipo de homem capaz de despertar uma paixão alucinada no coração das mulheres. Talvez uma paixãozinha passageira, uma aventura de nada.

Reagiu àqueles pensamentos negativos. Tinha de pensar de outro modo agora. Havia homens feios unidos a mulheres bonitas. O que as atraía? Algum charme oculto que Arnaldo Roberto também deveria possuir. Restava descobri-lo e explorá-lo.

Uma garota loura passou pela calçada, ao lado do carro. Caminhava devagar, olhando-o com interesse. Arnaldo sentiu um vazio no estômago e um arrepio na espinha. Podia ser a garota que ele esperava. Era bonita e muito sensual. Vestia-se com discrição e esse detalhe o fez desistir da idéia. Uma garota de programa, possivelmente, deveria vestir de um modo que chamasse a atenção. Seria como que uma característica básica da profissão.

O olhar da garota cruzou com o de Arnaldo. Ela sorriu timidamente. Ele respondeu do mesmo modo. A garota continuou caminhando. Não era quem ele esperava, mas aquele simples acontecimento servira para animá-lo um pouco. Aquela garota era inteligente e certamente vira em Arnaldo aquele charme secreto que ele próprio desconhecia. Alegrou-o pensar nessa hipótese.

Consultou o relógio: quarenta e cinco minutos. Já estava ali todo esse tempo e nada.

Deveria desistir? Ir para casa e passar uma noite vazia em seu apartamento? Não, esperaria mais um pouco. Então, sem que ele esperasse, uma garota se aproximou pelo outro lado do carro, abriu a porta com naturalidade e entrou, sorrindo cordialmente. Arnaldo precisou de tempo para se refazer. Ficou olhando a garota, sem saber o que fazer. Ela era loura, magra e de olhos azuis. Lembrava um pouco Sabrina, se não fosse a maquilagem carregada que ela usava e as roupas audaciosas.

Sentada, a garota cruzou as pernas com provocação. Sua saia deslizou pelos joelhos, sugestivamente. Arnaldo cravou seus olhos naquele belo par de pernas, sentindo-se nas nuvens. Fitou a garota. Ela tinha olhos tristes. Como pensar em fazer amor com alguém que tem os olhos tristes? Mas ela estava ali para aquilo mesmo. Com olhos tristes ou sem olhos tristes.

— Estava me esperando, não estava? — perguntou ela.

Sua voz era rouca, de uma tonalidade sensual, envolvente. Falava baixo e devagar.

— Sim, acho que sim — respondeu ela, pondo um cigarro entre os lábios e inclinando a cabeça na direção de Arnaldo.

— E eu sou Arnaldo — disse ele, acendendo-lhe o cigarro.

As mãos dele tremiam. A garota riu, segurando as mãos dele e o isqueiro.

— Eu sou Celina. E então, qual é o programa? — indagou ela, soltando uma longa baforada para fora do carro.

— Programa? — retrucou Arnaldo, embaraçado.

— Programa — repetiu ela.

Arnaldo acomodou-se melhor no assento do carro. Programa! Não sabia. Que tipo de coisa ela esperava? Resolveu jogar uma cartada decisiva. Acendeu um cigarro para si. Olhou a garota, demonstrando segurança.

— Você sugere, meu bem — murmurou, emocionado.

— Que tal irmos a um restaurante primeiro? — sugeriu a jovem. — Na verdade, seu convite me interrompeu o jantar.

Arnaldo tentou se lembrar de quantas notas tinha na carteira. Fez as contas e concluiu que chegariam para os gastos extras.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

